

O REI SE INCLINA E MATA, HERTA MÜLLER

Daniel Prestes da Silva
Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária - UNAMA

Não estar disponível para si mesmo é a mais perfeita proteção.

(Müller, 2013, p. 153)

Os nove ensaios que compõem o livro *O rei se inclina e mata*, de Herta Müller, abordam de modo mais biográfico, reflexivo e questionador temas já presentes em outras obras suas, que definem o seu lugar enquanto escritora, que é a vida sob o regime ditatorial de Ceaucescu, na Romênia. Há, mesmo, algumas histórias com as quais já entramos em contato nesses outros livros, como o caso do homem enforcado na árvore.

Mas não só as questões político-históricas, as narrativas, agora tomadas como exemplos e objetos de sua reflexão e as imagens que ela evoca, temos em *O rei*. Embora sendo ensaios em que uma objetividade na linguagem seja mais necessária, Müller escreve os textos com a poeticidade imagética que lhe é característica. Poesia essa que se faz por meio e através das imagens do cotidiano, ressignificadas em símbolos. Assim, uma dália não é apenas uma flor, assim como o cabelo não é apenas um cabelo. Há sempre um significado outro no que ela nos mostra e nos conta, como se outros olhos estivessem fincados na linguagem, olhos estranhos de outros. É quase como uma prosa poética simbolista do cotidiano que tem como objetivo mais que pintar imagens, mas mostra-las sob novas perspectivas, interpretando-as.

E tudo isso surge justamente do que se encontra envolta da Herta Müller ensaísta, das suas experiências com as pessoas, das relações de poder, opressão, medo, liberdade que ela estabeleceu e viu ser estabelecida entre as pessoas, as coisas e as instituições.

Tudo é colocado sob a perspectiva da linguagem e o que vem explícito e implícito, há muitos não-ditos que ela faz emergir em suas considerações, seja na sua relação com o seu interrogador, no qual ela percebe tanto como a parte oprimida, como opressora, por seu interlocutor ser também um oprimido do sistema sob o qual eles

encontram inseridos; ou o que pode vir das banalidades de palavras e expressões usadas e suas variações de lugar para lugar e o quanto isso é reflexo de uma cultura específica, de um modo de ver e viver a vida.

É assim que, nesses nove ensaios biográficos, Herta Müller vai questionando e discutindo a política do regime de Ceaucescu, sem tornar isso um debate pontual, regionalizado, porque fala das experiências humanas em relação à linguagem, às pessoas e às coisas. E, ao fazê-lo, por meio de uma perspectiva linguística, de discursos e ideologias, sem perder o material linguístico de vista, sua composição e variação, que a autora nos coloca em uma perspectiva outra, tornando-nos outros olhos estranhos fincados em seus textos, nos pondo frente a uma naturalidade fabricada que nos dá a sensação de familiaridade com as coisas, com os fatos e atos da língua. Deste modo, ficamos também como o rei que, ao se inclinar para matar, expõe a sua própria cabeça ao perigo, ao ler e encarar as possibilidades que Müller nos propõe.

Por fim, há que se considerar o trabalho de tradução feito por Rosvitha Friesen Blume para essa edição da Editora Globo, por meio de seu selo Biblioteca Azul, para o texto de Herta Müller, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura no ano de 2009.

REFERÊNCIAS

MÜLLER, Herta. **O rei se inclina e mata**. Tradução Rosvitha Friesen Blume. - São Paulo: Globo, 2013. pp. 213.